



Wegener – o explorador da Gronelândia

Wegener nasceu na Alemanha, em 1880, e desde muito cedo mostrou uma apetência inata para as descobertas e para a exploração. Enquanto estudante em Berlim, a fazer o doutoramento em Astronomia, tinha por hábito escalar as montanhas, praticar alpinismo e esqui, para ganhar robustez e resistência física. Imaginava-se a explorar a Gronelândia, nesse tempo, uma ilha desconhecida e coberta de gelo.

Em 1906, teve a oportunidade de integrar uma expedição dinamarquesa como meteorologista. Finda a expedição, torna-se professor de Meteorologia e Astronomia da Universidade de Marburg, onde terá consolidado algumas das suas ideias sobre a Deriva Continental.

Em 1912, apresenta a sua primeira exposição sobre a Teoria da Deriva Continental na Sociedade Geológica de Frankfurt e na Sociedade para o Avanço das Ciências Naturais em Marburg. No mesmo ano, parte novamente para a Gronelândia, integrando outra expedição dinamarquesa, com o objectivo de explorar a parte central da ilha. Pretendia-se estudar as condições climáticas para se preparar as rotas de voo entre a Europa e a América, pois era o caminho mais curto entre os dois continentes. Mas, Wegener tinha outro motivo pessoal: ganhar experiência, para também ele chefiar uma equipa.



Alfred Wegener (1880-1930)

Em 1930, lidera finalmente uma equipa de vinte membros que dividiu em três grupos: um dirigiu-se para a Costa Oeste, outro para Este e outro para o centro da Gronelândia. O objectivo desta sua expedição era determinar a espessura da calote de gelo e, provavelmente, encontrar o verdadeiro “motor” que explicasse a Deriva Continental (o ponto mais polémico da sua teoria). No final do Verão, recebe uma mensagem dos seus companheiros que tinham ficado no centro da ilha onde se lia: “se não formos abastecidos de petróleo e mantimentos, teremos de abandonar o acampamento, pois corremos sérios riscos de morrer”.

Wegener e um companheiro esquimó empreenderam uma viagem de 400 km desde a costa, suportando temperaturas de 50°C negativos; com trenós de dois cães, chegaram ao local no final de Outubro, a tempo de salvar os seus companheiros de morte certa.

No dia 1 de Novembro desse mesmo ano, festejou o seu 50.º aniversário e iniciou o seu regresso à costa. Em Maio, do ano seguinte, os seus companheiros encontraram o seu corpo a meio do caminho entre os dois acampamentos, carinhosamente sepultado pelo seu companheiro esquimó. Morreu, aparentemente, de frio e de exaustão antes da aceitação geral da Teoria da Deriva Continental, que defendia que os continentes já tinham estado todos juntos, formando a Pangeia e se tinham afastado ao longo dos tempos. Sem nunca o chegar a saber, revolucionou também a técnica de reflexão do som a partir de explosões controladas.

A técnica de explosão ainda hoje se usa, para provocar sismos artificiais, cujos registos constituem dados convincentes para a moderna Teoria da Tectónica de Placas.

PROPOSTA DE EXPLORAÇÃO

Após uma leitura atenta do texto, responde às seguintes questões.

1. Explica em que consiste a Teoria da Deriva dos Continentes.
2. Refere o objectivo da expedição realizada em 1930.
3. Indica o contributo de Wegener para a evolução da Ciência.
4. Refere alguns exemplos do texto que possam ser utilizados para justificar a resposta à questão anterior.
5. “Para fazer evoluir a ciência, os trabalhos e as pesquisas dos cientistas são, por vezes dolorosos e exigem um grande esforço”. Comenta a afirmação.

Correcção dos exercícios

1. Teoria que admite que os continentes já estiveram juntos num super-contidente, designado Pangeia, que se moveram ao longo dos tempos ficando com a posição actual.
2. O objectivo foi o de determinar a espessura da calote de gelo e, provavelmente, encontrar o verdadeiro “motor” que explicasse a Deriva Continental.
3. Wegener estudou a calote polar na Gronelândia para poder fundamentar a sua teoria da Deriva dos Continentes e revolucionar, também, a técnica de reflexão do som a partir de explosões controladas.
4. Ver no texto
5. As expedições que Wegener fez à Gronelândia fez com que os cientistas passassem muito frio e correrem risco de morte ao suportarem temperaturas negativas de -50°C .